

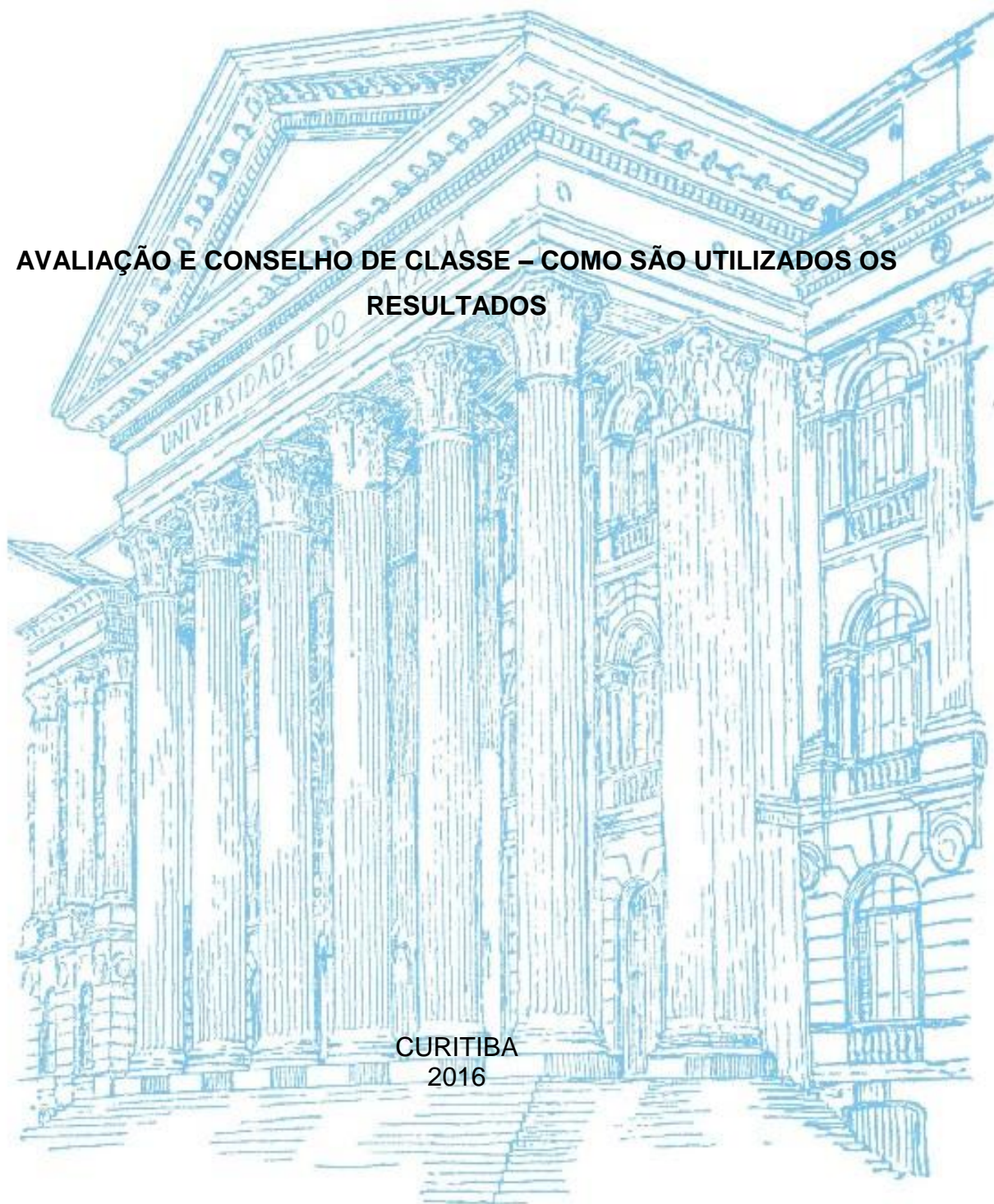
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**NEUZA FIGUEIRA DA SILVA**

**AVALIAÇÃO E CONSELHO DE CLASSE – COMO SÃO UTILIZADOS OS  
RESULTADOS**

**CURITIBA  
2016**





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

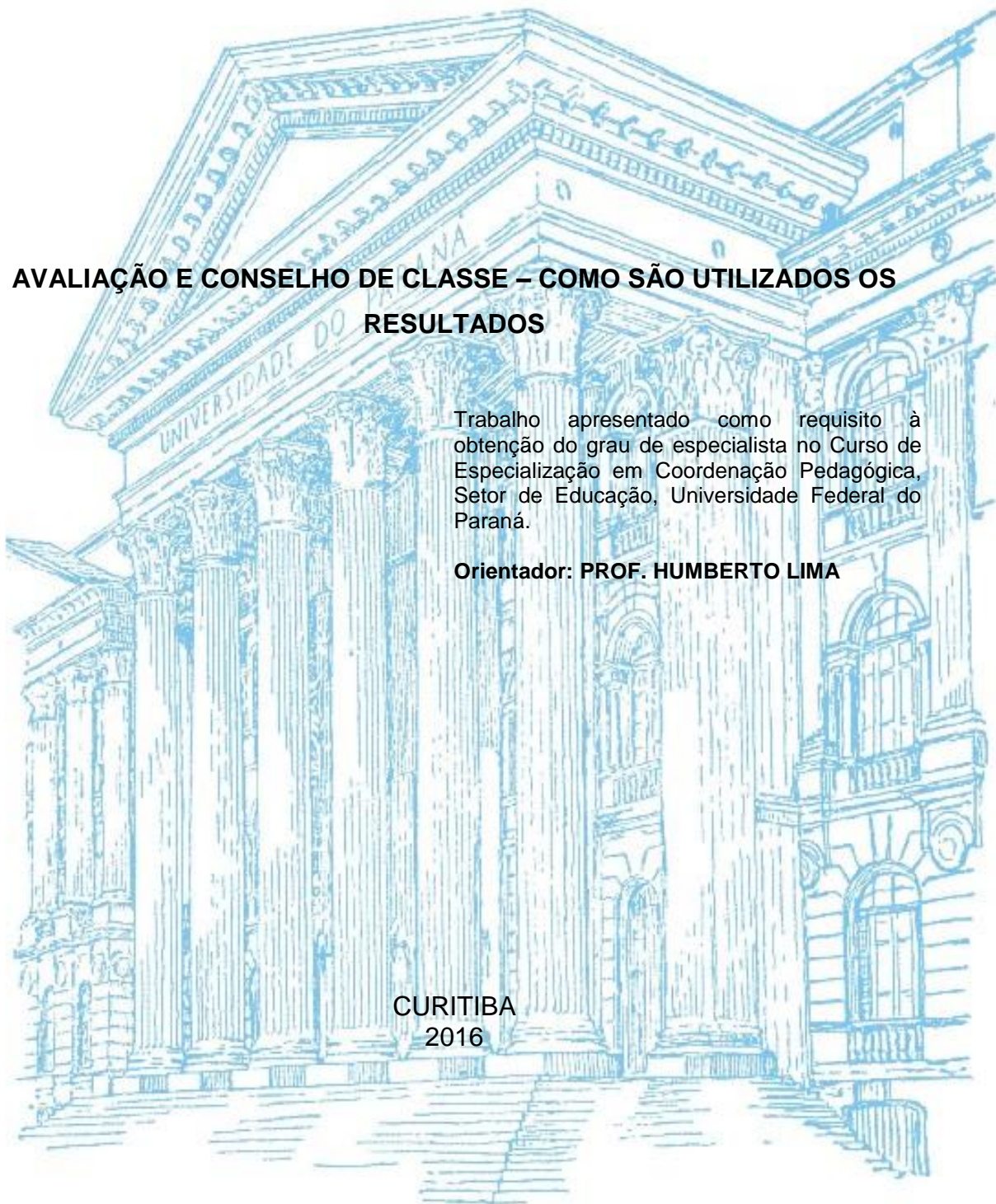
**NEUZA FIGUEIRA DA SILVA**

**AVALIAÇÃO E CONSELHO DE CLASSE – COMO SÃO UTILIZADOS OS  
RESULTADOS**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

**Orientador: PROF. HUMBERTO LIMA**

**CURITIBA**  
**2016**



# **AVALIAÇÃO E CONSELHO DE CLASSE – COMO SÃO UTILIZADOS OS RESULTADOS**

Neuza Figueira da Silva\*

## **RESUMO**

A avaliação é um assunto complexo e por isto está sempre presente nas discussões do coletivo escolar. Porém, é muito comum verificarmos o uso inadequado dos resultados. Há tempos percebemos um declínio no rendimento escolar dos nossos alunos e um número expressivo de aprovações pelo Conselho de Classe, situação que tem nos preocupado bastante. O Objetivo deste trabalho é verificar e analisar como os professores utilizam os resultados das avaliações no Conselho de Classe e quais as ações em sala após esses resultados. A Metodologia utilizada foi à abordagem qualitativa. Inicialmente, realizamos pesquisa bibliográfica e como instrumento de investigação, foi elaborado um questionário aplicado aos professores de uma escola localizada na região leste, periferia da cidade de Londrina-Pr, no ano de 2016. Os resultados obtidos foram que a maioria dos professores utiliza a avaliação para coletar informações sobre o aluno, cuja finalidade principal é a nota e utilizam mais de um instrumento avaliativo. Quanto ao Conselho de Classe, a maioria considera que é um momento para analisar a aprendizagem, detectar as dificuldades do grupo e definir estratégias para recuperação. Quanto às contribuições para prática pedagógica, há desconexão nas respostas e relatam que realizam a recuperação. Concluímos que a maioria dos professores ainda concebe a avaliação e Conselho de Classe de forma equivocada. Utilizam a avaliação apenas para analisar o desenvolvimento do aluno, sendo a nota um dos principais objetivos. No entanto, refletir e discutir sobre a avaliação, nos possibilitou entendê-la como um processo formativo e contínuo, em que se avalia o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Ao professor, possibilitou realizar uma auto-avaliação sobre a sua prática pedagógica, bem como para propor ações pedagógicas que viabilizem o comprometimento e participação de todos envolvidos no processo, visando a qualidade no ensino.

Palavras-chave: Avaliação; Conselho de Classe; Recuperação de Conteúdo

---

\*Artigo produzido pela aluna Neuza Figueira da Silva, do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Professor Humberto Lima. E-mail: neuzaspaiva@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

A avaliação é um assunto complexo e por isto está sempre presente nas discussões do coletivo escolar. Porém, é muito comum verificarmos o uso inadequado dos resultados das avaliações, como por exemplo, simplesmente para emitir valores, classificar, controlar comportamento, etc. Outro equívoco frequente, é quanto aos instrumentos avaliativos que muitas vezes são confundidos com a avaliação. Diante disto, os principais objetivos da avaliação que seria: direcionar o professor na tomada de decisões e definições de estratégias em relação às dificuldades de aprendizagem do aluno e redefinição da metodologia de ensino para melhor atendê-lo, fica esquecido.

Segundo Luckesi (2002), não há uma finalidade em si para a avaliação, ela subsidia as ações com o objetivo de construir um resultado previamente definido. Tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo. Para tanto necessita de um projeto que a articule.

Há tempos percebemos um declínio no rendimento escolar dos nossos alunos. Situação que tem nos preocupado bastante e que é discutida em todos Conselhos de Classe, mas que não tem apresentado melhora e/ou resultado positivo, mesmo após sugestões de novas estratégias para recuperação dos nossos alunos.

Ao analisarmos os dados de aprovação e reprovação da nossa escola, observa-se que a taxa aprovação por Conselho de Classe é expressiva e que a situação repete-se há alguns anos, fato que contribui para o baixo rendimento dos alunos, considerando que o aluno aprovado pelo Conselho de Classe, a maioria, leva consigo um déficit de conteúdo para o ano seguinte, situação que poderia ser superada, mas que não está acontecendo com a maioria dos nossos alunos.

Observamos ainda que, lamentavelmente, o processo de ensino aprendizagem, raramente, é discutido, e, quando questionados sobre a situação de aprendizagem, na maioria das vezes, os relatos dos professores são os mesmos, usaram todas as estratégias para atingir os objetivos propostos para assegurar a aprendizagem de qualidade ao nosso aluno. Porém, temos ciência

que isto não ocorre por diversos fatores, principalmente, pelo excesso de aluno que cada professor atende, impossibilitando um olhar individualizado.

Dalben (2006), relata muito bem a realidade de um Conselho de Classe. Muitas vezes, ficamos horas discutindo, porém, o foco está sempre no aluno e as queixas são sempre as mesmas: “não realiza atividade, não é comprometido, é apático, fica com o celular o tempo todo,” etc.

Percebe-se que os professores e equipe pedagógica conhecem as finalidades das avaliações, dos instrumentos avaliativos e do Conselho de Classe, que é a de compreender a relação que o professor e os alunos desenvolveram e estabeleceram com a aprendizagem e com o conhecimento, quais objetivos foram atingidos da proposta de trabalho e como administram a vida escolar no decorrer do processo. Porém, os momentos de Conselho de Classe e os resultados das avaliações, ainda são utilizados, na maioria das vezes, para mensurar e discutir indisciplina do aluno.

Diante de tal constatação, é urgente realizarmos um trabalho para verificar, refletir e detectar como os professores realizam as avaliações, quais instrumentos e como são utilizados os resultados na sua prática em sala de aula. Bem como sobre a finalidade do Conselho de Classe e contribuição para sua prática. Posteriormente, elaborarmos uma proposta de trabalho para que professores e equipe pedagógica consigam colocar em práticas as estratégias de ensino aprendizagem e recuperação definida pelo Conselho de Classe, possibilitando assim, proporcionar ao aluno a recuperação de conteúdo e, conseqüentemente, de notas. Podendo assim, minimizar o problema de tantas aprovações e reprovações pelo Conselho de Classe. Bem como, fazer com que o Conselho de Classe seja um momento de análise da situação de aprendizagem individual dos alunos e das possibilidades de atendê-los nas suas especificidades.

Para este trabalho, como instrumento de investigação, foi elaborado um questionário contendo 6 questões abertas referentes à avaliação e Conselho de Classe (anexo). A escolha do referido instrumento foi com intuito de facilitar e dar mais liberdade aos participantes de expressar suas opiniões. O instrumento foi aplicado a 11 professores de diversas disciplinas, sendo: 3 professores da língua

portuguesa; 4 professores de matemática; 1 professora de Geografia; 1 professor de história; 1 professora de Química e; 1 professora de Biologia. A pesquisa foi realizada em uma escola pública, que atende alunos do Ensino Fundamental e Médio, período matutino e noturno, na cidade Londrina-Pr, no ano de 2016.

## **2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Há tempos a avaliação da aprendizagem faz parte das discussões do coletivo escolar, principalmente, pelos diretamente envolvidos no processo ensino aprendizagem como professores e equipe pedagógica. É um assunto temeroso entre os professores, mas de grande relevância e indispensável para a aprendizagem.

De acordo com Haydt (1988, p. 07), a constante preocupação dos professores em relação à avaliação acontece, “porque faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos alunos, avaliando os resultados do ensino”. A avaliação pode ser entendida como um instrumento de provocação do coletivo escolar, no sentido de analisar e interpretar os resultados, diagnosticando problemas, com o objetivo melhorar a teoria e a prática. Avaliar é analisar o desenvolvimento do aluno na sua totalidade, levando em conta o conhecimento prévio, capacidades e potencialidades do aluno.

A avaliação deve fazer parte do projeto proposto para aprendizagem e, sendo parte do projeto educacional, precisa estabelecer com este relações com o objetivo de garantir a aprendizagem de qualidade e o sucesso de todos os educandos. Para tanto, a proposta curricular, deve apoiar-se na avaliação para atingir sua plenitude, para que cada conhecimento, competência ou habilidade sejam efetivamente atingidos por cada um dos alunos (CRAHAY, 2002).

A avaliação da aprendizagem é aquela desenvolvida pelos professores no dia a dia das salas de aulas, tendo como objetivo verificar o que seus alunos aprenderam no decorrer do processo, de acordo com a proposta estabelecida. Cujos resultados poderão auxiliar os professores no acompanhamento do desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos, bem como no planejamento

e/ou reelaboração de ações futuras. É um elemento que poderá contribuir para que o professor e a instituição escolar cumpram seu papel. Por isso, a avaliação precisa ser pensada e organizada com o objetivo de garantir ao aluno a educação de qualidade.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n.9394, de 20 de dezembro de 1996, a avaliação da aprendizagem poderá ser implementada com objetivo de promoção, aceleração de estudos e classificação. Esta deverá ser desenvolvida de acordo com a proposta contida no seu Projeto Político Pedagógico. Precisa ainda, assumir caráter educativo, possibilitando aos sujeitos, principalmente ao estudante, refletir seu percurso e ao professor e à escola identificar dificuldades e potencialidades dos alunos e da turma. Desta forma, a equipe de professores e equipe pedagógica poderá reelaborar uma proposta de trabalho para melhor atender aos alunos.

Para Luckesi (2002, p.31), a avaliação,

são determinações de condutas de “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação...!”, que , por si, implica um posicionamento positivo ou negativo em relação ao objeto, ato ou curso de ação avaliado. Este não se encerra na ação de avaliar, mas implica na tomada de decisões.

No caso da aprendizagem, avaliação serve para direcionar o professor na tomada de decisões e definições de estratégias em relação a aprendizagem ou não do seu aluno. Não há uma finalidade em si, subsidia as ações com o objetivo de construir um resultado previamente definido. Tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo. Para tanto necessita de um projeto que a articule.

Tradicionalmente, as instituições escolares utilizam os resultados da avaliação da aprendizagem para decidir se o aluno será ou não promovido para o ano/série seguinte, enfatizando com isto sua função somativa, realizada ao final de cada ano letivo. Assim, o foco fica praticamente no aluno, não tendo a avaliação qualquer outro objetivo que não seja o de classificar. Isto faz com que muitos educadores, ainda tenham uma visão equivocada sobre a avaliação: uma questão burocrática. Já para a maioria dos alunos, avaliar é fazer prova tirar nota

e ser aprovado para o próximo ano ou série. Neste sentido há uma perda muito grande porque descaracteriza a avaliação de seu significado que é a dinamização do processo de conhecimento/aprendizagem.

Souza (1997) enfatiza a relação entre avaliação da aprendizagem e avaliação do ensino,

[...] considerando-se o desempenho do aluno de forma relacionada com o desempenho do professor e com as condições contextuais da própria escola. Avaliação, ato que proporciona ao avaliador saber quais objetivos foram atingidos ou não e a partir disto, se necessário, redirecionar as condutas e ações. (SOUZA, 1997, p. 83),

A finalidade da avaliação de pensar estratégias possíveis para atingir a totalidade do processo pedagógico fornecendo informações sobre o processo da aprendizagem, tem como objetivo permitir que os professores redirecionem as intervenções de acordo com as necessidades do educando.

Alguns professores ainda utilizam a avaliação como punição ou como uma “carta na manga”, como por exemplo, a prova surpresa. Isto é um equívoco, a avaliação precisa ser pensada e planejada como parte do processo ensino aprendizagem. Esta não deve restringir-se a fazer provas e trabalhos, mas sim, fazer parte do processo do início ao fim, cada ação, comunicação, gestos, enfim, a avaliação não acontece em um só momento, ela acontece o tempo todo, onde professores e alunos trabalham juntos para um objetivo comum. Como enfatiza Quintana (2003, p. 163), “... temos que ver a avaliação como um aspecto integral do processo de ensino-aprendizagem e como parte essencial das tarefas que o docente executa em aula”.

A avaliação educacional é uma prática social cheia de valores e muito complexa, tanto epistemológica, técnica, ética e política. Esta precisa estar integrada ao Projeto Político Pedagógico da instituição, tanto na concepção quanto na implementação, considerando todos os sujeitos envolvidos como participantes ativos e protagonistas, respeitando a diversidade e singularidade de cada um. Por isto, todos envolvidos no processo precisam ver um sentido na avaliação, e este só será possível quando seus resultados permitirem que equipe pedagógica, professores e alunos reflitam sobre o processo pedagógico que está



sendo desenvolvido. Sendo a nota apenas uma consequência, uma convenção que será utilizada como informativo para alunos e pais.

A avaliação educacional precisa ressaltar seu caráter educacional e didático. Deve ser tomada como um processo para promover o sucesso do aluno e como apoio para que os professores pensem em intervenções futuras de acordo com as necessidades da turma e/ou aluno. Na visão de Luckesi (2000, p. 07), “a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos.”

## **2.1. MODALIDADES DA AVALIAÇÃO**

A avaliação da aprendizagem é um elemento indispensável no processo educativo. Esta deve fazer parte do cotidiano da sala de aula e ser contemplada no planejamento como aspectos complementares do processo ensino aprendizagem. Desta forma, Haydt (1988, p.13), reforça que “[...] ela não pode ser esporádica nem improvisada, mas, ao contrário, deve ser constante e planejada”.

Sendo assim, é necessário que haja um acompanhamento do desenvolvimento do educando no processo de construção do conhecimento. Para isto, professor e alunos precisam caminhar lado a lado durante todo processo de construção do conhecimento e/ou da aprendizagem. Dessa forma, Haydt (1988) considera que a avaliação da aprendizagem apresenta três funções básicas: diagnosticar (investigar), controlar (acompanhar) e classificar (valorar). Pautadas a essas três funções, existem três modalidades de avaliação: diagnóstica, formativa e somativa.

### **2.1.1. Avaliação Diagnóstica**

A avaliação diagnóstica é aquela que possibilitará ao professor verificar e analisar os conhecimentos prévios dos conteúdos que serão trabalhados com os alunos. Esta acontece, normalmente, no começo do ano, antes do planejamento, ou no início de cada bimestre ou semestre, de acordo com a necessidade do

professor de conhecer melhor seus alunos e (re) planejar o que será trabalhado. Sem finalidade de atribuir nota e/ou conceito.

Segundo Luckesi (2000, p. 09), “para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica, como seu primeiro passo, coletar dados relevantes, que configurem o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos”. Dessa forma:

A avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um ano curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários. Poderá ser utilizada também para identificar eventuais problemas de aprendizagem, suas possíveis causas e, a partir dos resultados, tentar solucioná-los. (HAYDT, 1988, p. 16-17).

O ideal seria que cada professor realizasse uma avaliação diagnóstica da turma, para verificar os conhecimentos prévios dos seus alunos, suas experiências pessoais, seu raciocínio e estratégias espontâneas, suas atitudes adquiridas em relação à aprendizagem, etc.. Em seguida adequar sua proposta de trabalho de acordo com as necessidades e dificuldades dos alunos e definir, também, qual será o seu ponto de partida. É comum que haja uma variação de aluno para aluno de um mesmo ano/série. Considerando as individualidades, uns aprendem mais e outros são mais limitados, isso é freqüente entre os alunos.

A avaliação escolar deve buscar conhecer o aluno em relação aprendizagem, atitudes, comportamento, etc. e a partir disto, estabelecer condutas para melhorar, cuja finalidade, implica em tomar decisões para o futuro, a partir dos resultados.

Na avaliação diagnóstica, para que haja avanço na construção do conhecimento e para que aprendizagem de qualidade aconteça, é extremamente importante que o diálogo aconteça constantemente entre os envolvidos, professor e aluno. Para isso, diversos instrumentos podem ser utilizados nesse tipo de avaliação, de acordo com a criatividade dos professores e os recursos disponíveis na realidade da instituição em que trabalha.

A avaliação diagnóstica não deve ser realizada de uma forma solta e isolada. De acordo com Luckesi (2002, p. 82), “para que a avaliação diagnóstica

seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica”. Sendo assim:

Esta forma de entender, propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos alunos. Este é o princípio básico e fundamental para que venha a ser diagnóstica. Assim como é constitutivo do diagnóstico médico estar preocupado com a melhoria da saúde do cliente, também é constitutivo da avaliação da aprendizagem estar atentamente preocupada com o crescimento do educando. Caso contrário, nunca será diagnóstica (LUCKESI, 2002, p. 82)

### **2.1.2. Avaliação Formativa**

A avaliação formativa tem um papel extremamente importante, porque, a partir dos resultados, professor e aluno poderão verificar se os objetivos propostos foram atingidos e, quando não, possibilitará a reelaboração da proposta de ensino e aprendizagem, além de subsidiar o aperfeiçoamento do processo. Esta acontece durante o processo e não há nota ou, se houver, é meramente simbólica.

Para Villas Boas (2004), a avaliação formativa é criteriosa e realizada ao longo de todo processo, ou seja, toma como referenciais os objetivos e os critérios de avaliação estabelecidos. Mas, ao mesmo tempo, toma como referência o próprio aluno, analisando o seu esforço, a particularidade de cada um e o seu progresso no decorrer do processo. Assim, o desenvolvimento do aluno será considerado, também, e não apenas os critérios estabelecidos para realizar a avaliação.

Na perspectiva da avaliação formativa, o professor deve observar o percurso do aluno durante as aulas, com objetivo de analisar as possibilidades de aprendizagem de cada um e do grupo. Isto lhes dará condições de planejar e replanejar à prática de ensino, bem como de planejar às possíveis intervenções para aprendizagem dos seus alunos.

O professor precisa registrar os dados individuais dos alunos que for coletando durante o processo e definir a periodicidade desta coleta que deverá ser organizada respeitando as particularidades de cada turma. O objetivo do registro é acompanhar o desenvolvimento individual do aluno e do grupo. O importante é

realizar uma prática avaliativa que privilegia a aprendizagem, independente da forma.

Segundo, Haydt (1988, p. 11), “a avaliação pode ser útil para orientar tanto o aluno como o professor: fornece informações sobre o aluno para melhorar sua atuação e dá elementos ao professor para aperfeiçoar seus procedimentos didáticos”. Nesse aspecto Hoffmann (1995):

A avaliação no processo educativo precisa ser contínua. Esta deverá estimular o aluno a superar suas dificuldades e dar ao professor condições de perceber se os objetivos propostos foram atingidos ou não. Afirma que a avaliação é a “reflexão permanente do educador sobre sua realidade, e acompanhamento do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento” (HOFFMANN, 1995, p. 18).

A avaliação formativa é aquela que deve antes de qualquer coisa, orientar o professor no sentido da análise, reflexão e revisão do seu plano de trabalho e na investigação das causas dos resultados encontrados. Possibilitando assim, a reelaboração de uma proposta de ensino aprendizagem visando à inclusão e o sucesso de todos os educandos. Por isso, a avaliação precisa fazer parte do planejamento do professor e ter objetivos estabelecidos. Sem isto, o professor não conseguirá verificar se os objetivos propostos foram atingidos ou não e a avaliação, ao invés de contribuir para o processo ensino aprendizagem poderá prejudicar. Desta forma, Haydt (1988) considera:

A avaliação formativa tem a função de realimentação dos procedimentos de ensino, o que denomina de feedback “à medida que fornece dados ao professor para replanejar seu trabalho docente, ajudando-o a melhorar o processo ensino-aprendizagem (HAYDT, 1988, p. 21).

A avaliação deve desempenhar uma função estimuladora e de incentivo ao estudo. O feedback é importante, pois permite um retorno tanto do professor, quanto do aluno em relação ao processo ensino-aprendizagem. Para que a avaliação cumpra sua função, é fundamental, segundo Haydt (1988, p. 27), “[...] que o aluno conheça os resultados de sua aprendizagem, isto é, que logo após o término de uma prova saiba quais foram seus acertos e erros”. Sendo assim:

Entendendo o conhecimento como algo construído na relação sujeito-objeto, esse *feedback* só cumprirá efetivamente o seu papel, se considerarmos, em um projeto de avaliação, tanto o estágio de desenvolvimento em que um aluno se encontra em um dado momento,

como também o processo através do qual ele está elaborando o seu conhecimento. (RABELO, 1998, p. 12).

É fundamental avaliarmos com objetivo de mudança e de redirecionamento do processo ensino aprendizagem. Por isso, precisamos transformar a prática avaliativa em prática de aprendizagem, considerando que avaliar faz parte do processo. Na perspectiva de ensino de qualidade e da avaliação formativa, não há como ensinarmos e aprendermos sem avaliar.

É importante lembrar que uma atividade avaliativa não quer dizer uma atividade isolada ou de curta duração. Precisamos saber o queremos avaliar e, a partir disto, determinar sua duração. Paralela às avaliações, precisamos observar o aluno nas suas atividades diárias para concluirmos o que aluno sabe ou não, porque o resultado da avaliação possibilitará evidenciar os domínios e lacunas dos alunos, mas pode ser que não evidencie suas causas.

### **2.1.3. Avaliação Somativa**

A avaliação somativa tem a função de verificar o que o aluno aprendeu ao final, quando o professor trabalhou todo o conteúdo. Esta acontece ao final do processo e são atribuídas notas que serão divulgadas. A avaliação não deve ser utilizada pelos professores como instrumento de classificação, ao contrário, como meio para dar continuidade ao processo de maneira mais eficaz e isto não ocorre na avaliação somativa. Para Luckesi (2002):

A avaliação exercida apenas com a função de classificar alunos, não dá ênfase ao desenvolvimento e em nada auxilia o crescimento deles na aprendizagem. Destaca que a função classificatória “[...] subtrai da prática da avaliação aquilo que lhe é constitutivo: a obrigatoriedade da tomada de decisão quanto à ação, quando ela está avaliando uma ação”. Luckesi (2002, p. 35)

A avaliação somativa não deve ser o único meio de analisar e avaliar o desenvolvimento do aluno, pois poderá prejudicá-lo, considerando que tem a função de emitir uma nota ou conceito no final do processo de ensino. Se utilizada de forma isolada, ela é classificatória e excludente. Sendo assim:

A avaliação somativa, tem a função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar



os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra, ou de um grau para outro. (HAYDT, 1988, p. 18).

Os profissionais da escola não devem utilizar a avaliação apenas como instrumento de classificação. Na visão de Vasconcellos (2002, p. 57), ela tem que servir para uma “[...] tomada de decisão quanto às providências a tomar rumo ao objetivo principal do processo ensino-aprendizagem que é o crescimento e a aprendizagem do aluno”.

Na avaliação escolar, o ideal seria utilizarmos as três funções avaliativas: a avaliação diagnóstica, com a finalidade de analisarmos o nível de conhecimento do nosso aluno. A avaliação formativa, para acompanhar o processo e evitar e corrigir falhas que prejudiquem o progresso e sucesso da aprendizagem e; a somativa, para atribuir uma nota e/ou conceito ao aluno. As três funções são importantes e precisam fazer parte da prática pedagógica, porém cada uma é usada em momentos específicos no processo educacional, com maior ou menor ênfase de acordo com as necessidades do educando. Não há como nos prendermos apenas à uma função avaliativa, pois, ao mesmo tempo que ela tem papel importante no início do processo, é fundamental durante e ao término do trabalho pedagógico.

Avaliar exige reflexão sobre a realidade, a partir de dados e Informações. A partir disto o professor terá subsídios para emitir um parecer que contribua para tomar decisões e replanejar suas ações para promover a educação de qualidade e sucesso para os educandos.

### **3. INSTRUMENTOS AVALIATIVOS**

Instrumentos avaliativos são os recursos utilizados para coleta de dados e/ou informações sobre o desenvolvimento do aluno. Existe uma grande variedade de instrumentos avaliativos que deverão ser selecionados de acordo com os objetivos propostos e considerando, quando possível, a realidade dos alunos atendidos pela instituição. A avaliação é um processo e deve ser (re) pensada a todo o momento.

De acordo com Luckesi (2000), os instrumentos de avaliação da aprendizagem, não devem ser quaisquer instrumentos, mas sim os adequados para coletar os dados que o professor necessita para configurar o estado de aprendizagem do aluno. Acrescenta ainda, que um instrumento de coleta de dados pode ser desastroso na avaliação da aprendizagem, ou em qualquer tipo de avaliação, na medida em que não colete, de forma significativa e com qualidade, os dados necessários para o processo de avaliação. Nesse caso, um instrumento impróprio pode alterar completamente a realidade, oferecendo uma base inadequada para qualificação do objeto da avaliação e, conseqüentemente, conduzir a uma decisão distorcida. Nesse aspecto:

Isso implica que os instrumentos: a) sejam adequados ao tipo de conduta e de habilidade que estamos avaliando (informação, compreensão, análise, síntese, aplicação...); b) sejam adequados aos conteúdos essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais planejados e, de fato, realizados no processo de ensino (o instrumento necessita cobrir todos os conteúdos que são considerados essenciais numa determinada unidade de ensino aprendizagem); c) adequados na linguagem, na clareza e na precisão da comunicação (importa que o educador compreenda exatamente o que se está pedindo dele); d) adequados ao processo de aprendizagem do educando (um instrumento não deve dificultar a aprendizagem do educando, mas, ao contrário, servir-lhe de reforço do que já aprendeu. Responder as perguntas significativas significa aprofundar as aprendizagens já realizadas). (LUCKESI, 2000, P. 10)

De acordo com Hoffmann (2005, p.121), os melhores instrumentos de avaliação “ são todas as tarefas e registros feitos pelo professor que o auxiliam a resgatar uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do desenvolvimento do aluno”. Por isso, a importância de utilizar vários instrumentos avaliativos e considerar o desenvolvimento em sala de aula. Estes precisam ser elaborados para auxiliar no processo de aprendizagem dos educandos e não como meio de classificação e/ou punição.

O aluno precisa fazer parte da construção da aprendizagem. Desta forma é importante que o mesmo tenha feedback a cada atividade avaliativa realizada e não apenas ao final do bimestre e/ou semestre. Se isto acontecer, tanto professor quanto alunos não conseguirão detectar as dificuldades e desenvolver um plano de recuperação. É importante, também, que os instrumentos sejam discutidos e

construídos juntos. Estes devem auxiliar a aprendizagem dos alunos e não como meio de “puni-los”. Para Hoffmann (2005,p.119), “é necessária a elaboração de instrumentos confiáveis para um acompanhamento também confiável”.

Espera-se, contudo, que as instituições escolares adotem um modelo avaliativo democrático e participativo, valorizando os aspectos qualitativos da avaliação. Que esta valorize e faça parte de todo processo de ensino aprendizagem e que este esteja coerente com os objetivos planejados e de acordo com a proposta pedagógica da escola. Para isto é necessária a participação de todos os sujeitos envolvidos, e estes estejam focados no sucesso escolar e não na aprovação e/ou reprovação.

De acordo com Luckesi (2002, p. 175), “ a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento”.

Para que haja a aprendizagem de qualidade é necessário que o professor obtenha o máximo de informações sobre o desenvolvimento e aproveitamento escolar do aluno. Para isto, o professor deve utilizar os diversos recursos disponíveis e instrumentos avaliativos variados, considerando que cada aluno tem suas particularidades e poderá responder melhor a determinado instrumento de avaliação.

#### **4. CONSELHO DE CLASSE**

O Conselho de Classe é uma instância colegiada extremamente importante num processo de gestão democrática. É mais um espaço de participação da comunidade na instituição escolar, no processo de ensino aprendizagem, pois “guarda em si a possibilidade de articular os diversos segmentos da escola e tem por objeto de estudo o processo de ensino, que é o eixo central em torno do qual se desenvolve o processo de trabalho escolar” (DALBEN, 1996, p 23.), neste sentido:

O Conselho de Classe é um órgão colegiado, presente na organização da escola, onde vários professores das diversas disciplinas, juntamente com os coordenadores, ou mesmo os supervisores e orientadores educacionais, reúnem-se para refletir e avaliar o desempenho

pedagógico dos alunos das diversas turmas, séries ou ciclos. DALBEN (2006, p.31),

Para Cruz (1995), o Conselho de Classe é o momento de uma avaliação diagnóstica da ação pedagógica – educativa feita pelos professores e alunos, à vezes, em momentos distintos, à luz do marco operativo da escola. Desta forma, este conceito apresenta dois momentos importantes. O primeiro, que é um momento de avaliação diagnóstica do trabalho da equipe a partir do referencial e em determinado tempo. O segundo, é que ele poderá subsidiar as ações do professor, conseqüentemente, do planejamento geral que consta quais objetivos pretende-se alcançar. Sendo assim, é uma reflexão conjunta dos envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Considerando o exposto, verifica-se que os autores conceituam o Conselho de Classe, chamando a atenção para a responsabilidade que este órgão colegiado tem de elaborar propostas com base educativa que garantam uma relação amistosa entre professores, alunos e pais/responsáveis. Destaca ainda, sua importância no que se refere à prática pedagógica e no processo avaliativo, conseqüentemente, na garantia da aprendizagem de qualidade.

Sendo assim, sempre que falamos de Conselho de Classe, vale ressaltar alguns princípios básicos da Gestão Democrática pública, onde a participação e o envolvimento efetivo de todos os segmentos do processo educacional são extremamente importantes. Como dispõe, LDB nº 9394/96, no seu artigo 14, os princípios norteadores da Gestão Democrática nas instituições públicas:

Os sistemas de ensino definirão as formas de gestão democrática no ensino público na educação básica, de acordo com as peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

*I – participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto político pedagógico da escola;*

*II – participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.*

Assim, a função do Conselho de Classe vai muito além da reunião que acontece ao final de cada bimestre e/ou final do ano para aprovar ou reprovar. Deve ser um espaço de atuação contínua, com o objetivo de avaliar o trabalho pedagógico e as atividades da escola. Porém, ainda encontramos uma realidade muito diferente em muitas instituições escolares, onde os resultados finais, obtidos no Conselho de Classe final, nos mostra um número elevado de alunos aprovados pelo conselho. Por isto, salienta-se a importância dos envolvidos refletir e colocar em prática as ações propostas no Conselho de Classe. Isto possibilitará melhorar a aprendizagem e recuperar conteúdos e, conseqüentemente, atingir os objetivos para aprendizagem efetiva e de qualidade. Ressaltamos ainda, a importância de o professor refletir, também, sua prática em sala de aula/metodologia de ensino.

Para que os momentos de Conselho de Classe sejam produtivos, é fundamental que todos os envolvidos tenham clareza das finalidades destas reuniões. Há muitas formas de organização, independente da escolha, o importante é não perder o foco. O organizador das reuniões, geralmente coordenador pedagógico, precisa definir as prioridades de cada turma a serem analisadas. Já os professores, precisam observar e acompanhar o trabalho dos alunos ao longo do processo e detectar as dificuldades apresentadas em sua disciplina. Essas informações são extremamente importantes na reunião do coletivo para que os professores ampliem seu olhar sobre o desempenho da turma e da sua própria prática, oportunizando assim a melhoria da qualidade do ensino.

## **5. O QUE PENSAM OS PROFESSORES SOBRE A AVALIAÇÃO E O CONSELHO DE CLASSE**

Como já explicado anteriormente, o instrumento foi aplicado a 11 professores de diversas disciplinas, sendo: três professores de língua portuguesa que serão identificados com as siglas P1 para professor (a) 1; P2 para professor (a) 2 e; P3 para professor (a) 3. Quatro professores de matemática que serão identificados como M1 para professor (a) 1; M2 para professor (a) 2; M3 para professor (a) 3 e; M4 para professor (a) 4. Um professor (a) de Geografia, identificado como G. Um professor (a) de história, identificado como H. Um



professor (a) de Química, identificado como Q e; um professor (a) de Biologia, identificado como B.

O instrumento foi aplicado aos professores de uma escola pública, na cidade de Londrina-Pr. A Instituição atende 476 alunos do Ensino Fundamental e Médio, período matutino e noturno, no ano de 2016.

Consultamos um grupo de 20 professores, desses 11 aceitaram participar da pesquisa e responder o questionário. Foi explicado que a referida pesquisa fazia parte do trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica (latu sensu). Também foram informados que a escolha do tema foi devido ao acompanhamento, realizado pela pesquisadora há 9 anos, do processo de avaliação e Conselho de Classe da instituição. Neste período, foram analisados os resultados de aprovação e reprovação ao final de cada ano e verificado que há muitas aprovações pelo Conselho de Classe e isto chamou a atenção. Por isto, foi considerado importante pesquisar junto aos professores qual a finalidade da avaliação e do Conselho de Classe, bem como quais as contribuições dos resultados para prática em sala de aula e para melhorar a aprendizagem do aluno. Houve certa resistência de alguns professores em responder ao questionário, pois alegaram dificuldade em colocar no papel o assunto em questão.

Através das respostas dos professores constatamos que a maioria considera a avaliação um “instrumento” utilizado para coletar informações sobre a aprendizagem do aluno, cuja finalidade principal é a nota. Poucos relataram a importância da avaliação para fazer uma análise da sua prática e do processo como um todo. Observamos isso nas falas dos professores:

É um instrumento de sondagem e análise de conteúdos assimilados no processo de aprendizagem. (prof. Q)

Um momento de verificação sobre o aprendizado dos alunos, bem como saber como estou ensinando. Penso que a média dos meus alunos é a minha nota, e a mesma ficou abaixo dos 6,0, sou eu quem ficou com nota vermelha e necessito melhorar a forma de ensinar. (prof. P.1)

A avaliação é contínua durante às aulas e as provas. (prof. G)

É o acompanhamento diário dos alunos, desde sua frequência até o resultado numérico que temos que atribuir. Tudo que o aluno produz é considerado por diferentes instrumentos. (prof. M2)

A avaliação deve ser entendida como uma atividade dinâmica e sistemática, que permeia e subsidia a prática pedagógica, através de instrumentos práticos, que possam dar um redimensionamento e redirecionamento para novos procedimentos do Sistema Educacional no atendimento de toda a demanda, com o objetivo do desenvolvimento integral do educando. Como ressalta Quintana (2003, p. 163), “[...] temos que ver a avaliação como um aspecto integral do processo de ensino-aprendizagem e como parte essencial das tarefas que o docente executa em aula”.

Em relação a instrumentos avaliativos utilizados para avaliar seus alunos, as respostas demonstram que os professores utilizam mais de um instrumento avaliativo, como: avaliações escritas, debates, produção e análise de textos, participação na aula, exercícios, atividades com consulta, seminários, trabalhos individuais e coletivos.

No entanto um dos professores talvez não tenha entendido a questão e colocou “Quadro negro, TV pendrive, livro didático.” Ou ainda outro professor que colocou como forma de avaliação a “assiduidade”.

No cotidiano é importante a utilização de diversos instrumentos avaliativos, não ficando restrito somente às provas. Assim o aluno não será prejudicado e torna a avaliação mais completa e com mais elementos sobre o desenvolvimento dos alunos. Com isso, Haydt (1988, p. 55), afirma que “[...] quanto mais dados ele puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação”.

Sobre a finalidade dos resultados das avaliações e contribuições destas para prática pedagógica, a maioria, considera como um momento de verificação do aluno, sendo este o único objetivo. Podemos observar isto, em algumas respostas dadas pelos professores.

Perceber qualitativamente e quantitativamente o aprendizado do aluno. (Prof. B)

Fazer a verificação do que foi ensinado, às contribuições sendo boas ou não serve para fazer mudanças. (Prof. H)

Verificar o que o aluno aprendeu para passar para o próximo conteúdo. Para nota do bimestre. (Prof. G)

Os resultados obtidos com as avaliações são parâmetros para melhorar ou mudar as minhas metodologias aplicadas no dia a dia da sala de aula. (Prof. M3)

Atribuir nota e nos ajuda a rever e promover estratégias diferentes e ensino e também de buscar alcançar aqueles alunos com dificuldade. (Prof. P2)

A avaliação da aprendizagem deve garantir a qualidade da aprendizagem do aluno. Por isto, os resultados poderão contribuir para direcionar o professor na tomada de decisões e definições de estratégias em relação a aprendizagem ou não do seu aluno. Na visão de Vasconcellos (2002, p. 57), ela tem que servir para uma “[...] tomada de decisão quanto às providências a tomar rumo ao objetivo principal do processo ensino-aprendizagem que é o crescimento e a aprendizagem do aluno”.

Sobre a finalidade do Conselho de Classe, os pesquisados consideram que é um momento para analisar a aprendizagem, detectar as dificuldades dos alunos e do grupo e a partir disto, definir estratégias para recuperação de conteúdo, bem como para atingir os objetivos propostos para aprendizagem.

Os espaços destinados ao Conselho de Classe devem ser utilizados para obter informações que contribuirão na compreensão, pelos envolvidos, do processo de ensino e aprendizagem do aluno e de definição de estratégias para atingir aos objetivos propostos para aprendizagem.

Para Cruz (1995), o Conselho de Classe é o momento de uma avaliação diagnóstica da ação pedagógica – educativa feita pelos professores e alunos. Este conceito apresenta dois momentos importantes. O primeiro é que o Conselho de Classe é um momento de avaliação diagnóstica do trabalho da equipe a partir do referencial e em determinado tempo. O segundo, é que ele poderá subsidiar as

ações do professor, conseqüentemente, do planejamento geral que consta quais objetivos pretende-se alcançar. Sendo assim, é uma reflexão conjunta dos envolvidos no processo ensino aprendizagem.

Quanto às contribuições dos resultados do Conselho de Classe para sua prática pedagógica, há um pouco de desconexão nas respostas dos professores com relação ao conhecimento que demonstraram em relação à finalidade do Conselho de Classe. Observamos isso em algumas respostas.

Feedback entre professor e alunos; contribuição dos colegas e a equipe pedagógica. (Prof. M3)

Contribuem nas questões relacionadas às preferências dos alunos por determinada área de conhecimento, a troca de experiências, a tomada de ações por parte da equipe pedagógica e da própria prática docente. (Prof.Q)

As contribuições sendo boas ou não servem para fazer mudanças. (Prof. H)

Visto que o Conselho de Classe tem a função no processo de avaliação e para discutir a aprendizagem do aluno, partindo dos resultados é possível traçar proposta de intervenções na prática pedagógica durante o processo ensino aprendizagem com o objetivo de modificar qualitativamente o resultado final do aluno.

Sobre colocar em prática as propostas de recuperação de conteúdos definidas pelo grupo no Conselho de Classe e como é feita, a maioria, relata que consegue realizar a recuperação, mas quando analisamos as respostas, percebemos que há maior preocupação com notas, pois, a maioria, deram respostas evasivas.

Sim. Os alunos refazem as suas provas como retomada de conteúdos. Percebem a importância de não faltar e ter o conteúdo no seu caderno. Contamos com o apoio pedagógico pra conversar com os alunos e conscientizar da proposta do professor. Também é realizada a prova semestral de recuperação. (Prof. M.1)

Cada professor sabe muito bem o que deve ser recuperado em sua disciplina com as turmas. No Conselho de Classe,

podemos ter uma visão mais completa da turma e melhorar nossa prática de recuperação. (Prof. B)

Cada sala apresenta sua peculiaridade, porém, tenho, dentro do possível, aplicado as recuperações paralelas devidas. (Prof. M4)

Nem sempre, porque muitas vezes não é que o aluno não se apropriou do conteúdo, e sim porque não tem interesse, ou o aluno falta nas aulas e não há o tempo necessário para retomar através de uma aula expositiva ou prática. (Prof. M2)

Quando há sugestões, sim. Conhecendo o aluno em todas as disciplinas, podemos entender melhor às dificuldades e trabalhar em sua superação. (Prof. P3)

Assim, precisamos entender as reuniões do Conselho de Classe como momentos em que as informações levantadas e refletidas, servirão de auxílio para o educador compreender melhor o processo de aprendizagem bem como, para definir estratégias para recuperação e aprendizagem efetiva do aluno. Segundo Vanconcellos (1994, p.72), os Conselhos de Classe podem ser importantes estratégias na busca de alternativas para a superação de problemas pedagógicos, comunitários e administrativos da escola.

A partir da análise dos resultados percebe-se/conclui-se que é urgente promover espaços para discussões sobre a função e objeto da avaliação e Conselho de Classe, porque, apesar de muitos educadores terem ciência da função e objeto da avaliação neste espaço ainda nos deparamos com um desvio do foco nos momentos destinados para análise e reflexão do processo ensino aprendizagem. Percebe-se ainda, e isto não é novidade, que se fala muito apenas do aluno, esquecendo que a prática desenvolvida em sala de aula, muitas vezes, não está atendendo às necessidades do aluno. Muitas vezes, não há reflexão sobre a prática/metodologia, instrumentos avaliativos, estrutura utilizada, enfim, na há uma reflexão sobre o todo.



## 6. CONCLUSÃO

A avaliação é um ato preventivo, para tanto é necessário que o professor conheça o nível de desempenho do aluno em cada etapa do processo de aprendizagem e use esta informação para verificar se os objetivos em relação aos conteúdos propostos para cada etapa foram atingidos e, finalmente, tome as decisões que possibilitem atingir os resultados esperados, pois, seja a avaliação diagnóstica, formativa ou somativa, ela deverá, necessariamente, contribuir para o desenvolvimento do educando, não se limitando apenas como instrumento formal, cujo objetivo é dar uma nota classificatória.

Neste trabalho, foi possível perceber como, a maioria, dos professores ainda concebem a avaliação e Conselho de Classe de forma equivocada. Sendo a avaliação uma forma de analisar apenas o desenvolvimento do aluno e tendo a nota como um dos principais objetivos e, conseqüentemente como classificatória e excludente.

No entanto, refletir e discutir sobre a avaliação e seu processo, nos possibilitou entendê-la como um processo formativo e contínuo, em que se avalia o desenvolvimento e aprendizagem do aluno. Em relação ao professor, possibilitou realizar uma auto-avaliação sobre a sua prática pedagógica, bem como para propor ações pedagógicas que viabilizem o comprometimento e participação de todos envolvidos no processo, visando a qualidade no ensino.

Possibilitou ainda, compreender o Conselho de Classe como um momento extremamente importante para analisar não só quais objetivos não foram atingidos até o momento para aprendizagem, mas para compreendermos e sabermos os avanços dos nossos alunos. O Conselho de Classe e a avaliação são partes integrantes de todo processo de ensino e aprendizagem, estes devem caminhar juntos na construção do conhecimento e na busca da aprendizagem efetiva.

Portanto, é importante que as instituições escolares promovam espaços para análise e discussão do processo de avaliação e defina, junto com o coletivo uma proposta de avaliação no qual um dos objetivos seja subsidiar a prática pedagógica do professor, promovendo a orientação, reflexão e redirecionamento

do processo avaliativo, considerando-se como referencial a proposta curricular que contemple uma concepção de aprendizagem de qualidade e que garanta o acesso, permanência e o sucesso de todos os educandos.

Haydt (1988), destaca que para a realização de uma avaliação integral do aluno, faz-se necessário o uso combinado de várias técnicas e instrumentos avaliativos, selecionados de acordo com os objetivos propostos para o ensino/aprendizagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei 9394/96. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério de Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2/2012: **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: CNE, 30 jan. 2012.

CRAHAY, M. **Poderá a escola ser justa e eficaz?: da igualdade das oportunidades à igualdade dos conhecimentos**. Tradução de Vasco Farinha. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. (Horizontes Pedagógicos, 92).

CRUZ, Carlos Henrique Castilho. **Conselho de Classe e participação**. Revista de Educação AEC. Brasília: AEC do Brasil, nº 94, jan./mar.1995, p.111-136.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Conselhos de Classe e avaliação: perspectivas na gestão pedagógica de escola**. 3. ed. Campinas: Papirus, 2006.

DALBEN, Ângela Imaculada Loureiro de Freitas. **Trabalho escolar e conselho de classe**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1996. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).

HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.

HOFFMANN, J. **Avaliação formativa ou avaliação mediadora?** Porto Alegre: Mediação, 2005.

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1995.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Maneiras de avaliar a aprendizagem**. Pátio. São Paulo, ano 3. nº 12. p. 7 –11, 2000.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**.13º ed. São Paulo: Cortez, 2002.

QUINTANA, H. E. **O portfólio como estratégia para a avaliação**. In: BALLESTER, M. et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RABELO, E. H. **Avaliação: novos tempos e novas práticas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

SOUZA, S. Z. L. A prática avaliativa na escola de 1º grau. In: SOUZA, C. P. de. (org.) Avaliação do rendimento escolar . Campinas, SP: Papirus, 1997.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação: Concepção Dialética Libertadora do Processo de Avaliação Escolar**. Cadernos Pedagógicos do Libertad, v.3. São Paulo, Libertad, 1994.

VASCONCELLOS, M. M. M. **Avaliação e ética**. Londrina: Ed. UEL, 2002

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico**. Campinas: Ed. Papirus, 2004.

## **ANEXO**

### **CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA – UFPR TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO AVALIAÇÃO E CONSELHO DE CLASSE**

#### **QUESTIONÁRIO - PROFESSORES**

1- Para você, o que é avaliação?

2 - Quais instrumentos avaliativos você utiliza para avaliar seus alunos?

3 - Qual a finalidade dos resultados das avaliações e quais as contribuições destes para sua prática pedagógica?

4 - Para você, qual a finalidade do Conselho de Classe?

5 - Como as discussões e os resultados do conselho de classe poderão contribuir para sua prática pedagógica?

6 - Você consegue colocar em prática as propostas de recuperação de conteúdo definidas/sugeridas pelo conselho de classe? Se sim, como? Se não, Por que?